



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – PICOS-PI**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**FRANCISCO JOSÉ BARBOSA**

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA**  
**NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

PICOS (PI)

2014

FRANCISCO JOSÉ BARBOSA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros - CSHNB, como requisito para obtenção do título de graduado.

Orientador: Prof. Ma. Isabel Cristina de Aguiar Orquiz

PICOS (PI)

2014

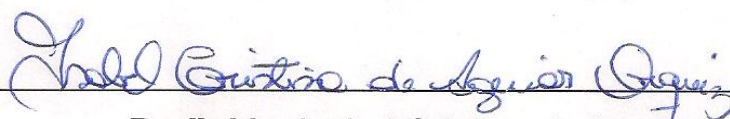
FRANCISCO JOSÉ BARBOSA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA NOS  
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Data de Apresentação: 25/02/2014

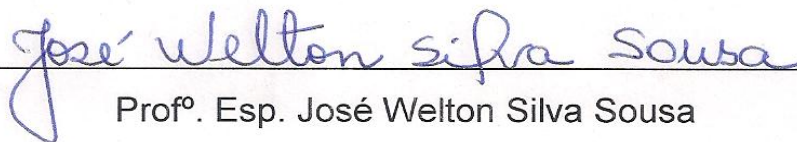
**BANCA EXAMINADORA**



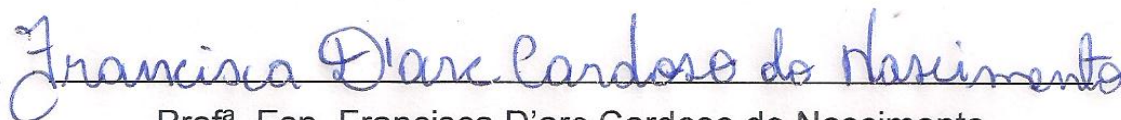
Prof<sup>a</sup>. Ma. Isabel Cristina de Aguiar Orquiz

UFPI

(Orientadora)



Prof<sup>o</sup>. Esp. José Welton Silva Sousa



Prof<sup>a</sup>. Esp. Francisca D'arc Cardoso do Nascimento

Eu, **Francisco José Barbosa**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 12 de março de 2014.

*Francisco José Barbosa*

Assinatura

#### FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

**B238d** Barbosa, Francisco José.  
Dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita nos anos iniciais de ensino fundamental / Francisco José Barbosa. – 2013.

CD-ROM ; 4 ¾ pol. (46 p.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

Orientador(A): Profa.MSc. Isabel Cristina de Aguiar Orquiz

1. Ensino. 2. Aprendizagem. 3. Educação. I. Título.

**CDD 372.4**

Agradeço a Deus por tudo que ele tem feito na minha vida. Obrigada Senhor pela contribuição, paciência, sabedoria e compreensão no decorrer da elaboração dessa monografia.

Dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço de forma especial a Deus que tem sempre me iluminado, com seus ensinamentos e sabedoria.

Outro agradecimento especial a Prof. Orientadora Isabel Cristina de Aguiar Orquiz por que tenho muita admiração e que sem sua ajuda, paciência, generosidade e grandeza na orientação, soube tão me conduzir em minha pesquisa. A ela agradeço pela oportunidade dos encontros com teorias que durante o curso nos foram apresentados.

A toda minha família pelo apoio incondicional, não citarei nomes para não correr o risco de esquecer alguém. Porém, não poderia deixar de focar o nome de minha querida namorada.

A minha grande amiga Lauriana de Sousa Barros por toda sua colaboração positiva.

A todos os meus colegas pela amizade construída.

Enfim, a todas as pessoas, que de alguma forma, contribuirão na realização desse trabalho

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino”.

Paulo Freire

## RESUMO

Este estudo tem como temática as dificuldades de aprendizagem, tendo como objetivo principal analisar algumas das variáveis que afetam o processo de ensino-aprendizagem, compreendendo os fatores que contribuem para a eficácia e qualidade dessa educação, bem como, identificar aqueles que interferem de maneira negativa em tal sucesso. Assim, a aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. A aprendizagem é resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como da transferência destes para novas situações. Desse modo, como instrumento de coletas de dados optou-se pela elaboração de questionários com questões fechadas, destinadas a 10 (dez) professores que atuam no Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da escola foco desse estudo. Para tanto, o pesquisado não foi identificado de forma alguma, respondendo as perguntas de forma individual. A não identificação permite maior fidedignidade dos dados, evitando sua contaminação por eventuais receios e/ou medos. Logo após a etapa de coleta de dados procedeu-se a etapa de análise e tabulação dos resultados obtidos culminando com a elaboração do relatório monográfico da pesquisa realizada. Diante de todas as informações contidas nesse estudo pode-se concluir que ensinar exige criatividade, não é apenas transferir conhecimentos é saber criar para o educando possibilidades para a sua própria construção. É necessário rigorosidade metódica. O educador não deve apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Ele deve ser de espelho e inspiração para os alunos, estética e ética andam de mãos dadas e são frutos de uma boa cultura.

**Palavras-chave:** Ensino. Aprendizagem. Educação.



## ABSTRACT

This study has as its theme the process of teaching and learning, tends as main objective to analyze some of the variables that affect the teaching-learning process, understanding the factors that contribute to the effectiveness and quality of that education, as well as, to identify those that interfere in a negative way in such success. Assim, the learning is an extremely complex phenomenon, involving aspects cognitive, emotional, organic, psicossociais and cultural. The learning is resulting of the development of aptitudes and of knowledge, as well as of the transfer of these for new situations. He/she gave way, as instrument of collections of data chose her for the elaboration of questionnaires with closed subjects, destined to 10 (ten) teachers that act in the Fundamental Teaching (1st to the 5th year) of the school focus of that study. For so much, researched it was not it identified in way some, answering the questions in an individual way, without the researcher's help. The non identification allows larger fidedignidade of the data, avoiding your contamination for eventual fears e/ou fears. Therefore after the stage of collection of data it was proceeded the analysis stage and tabulation of the obtained results culminating with the elaboration of the report monográfico of the accomplished research. Before all the information contained in that study it can be ended that to teach it demands creativity, it is not to transfer knowledge it is just to know to create for the student possibilities for your own construction. And necessary methodical rigorosidade. The educator should not just teach the contents, but also to teach to certain to think. He should be of mirror and inspiration for the students, aesthetics and ethics they walk of given hands and they are fruits of a good culture.

**Keywords:** Teaching. Learning. Education.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01:</b> Concepção do processo de ensino e aprendizagem .....	34
<b>Gráfico 02:</b> Alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem .....	35
<b>Gráfico 03:</b> Principais dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos ..	36
<b>Gráfico 04:</b> Prática avaliativa desenvolvida em sala de aula .....	37
<b>Gráfico 05:</b> Conhecimento dos professores acerca da proposta dos PCNs .....	37
<b>Gráfico 06:</b> Critérios considerados na elaboração do planejamento escolar .....	38
<b>Gráfico 07:</b> Desenvolvimento de projetos visando a qualidade da educação .....	38
<b>Gráfico 08:</b> Participação da família na escola .....	39

## LISTA DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE A:</b> Questionário aplicado aos Professores .....	45
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 A PRESENÇA DAS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO .....</b>	<b>16</b>
<b>3 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER .....</b>	<b>19</b>
3.1 Considerações sobre o processo da leitura .....	20
<b>4 AS CONCEPÇÕES DO PROCESSO DE ESCRITA .....</b>	<b>23</b>
4.1 O ensino da escrita na escola .....	24
<b>5 MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>32</b>
5.1 Caracterização da pesquisa .....	32
5.2 Universo da pesquisa .....	32
5.3 Instrumento de coleta e tratamento dos dados .....	32
<b>6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como temática as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Municipal Joaquim Rodrigues de Sousa Martins, localizada no Povoado Gameleiras dos Rodrigues, Zona Rural da cidade de Picos-PI, tendo como objetivo principal analisar algumas das variáveis que afetam o processo de ensino-aprendizagem, compreendendo os fatores que contribuem para a eficácia e qualidade dessa educação, bem como, identificar aqueles que interferem de maneira negativa em tal sucesso.

Dessa forma, é importante mencionar que a preocupação dos que questionam sobre o processo ensino-aprendizagem é a de encontrar meios mais eficazes que possam assegurar a todos os alunos condições para o bom desempenho escolar. A busca de novas formas criativas de ensino direcionado aos alunos com dificuldades na aprendizagem, eis a questão que o professor atualmente coloca a si próprio.

Nessa perspectiva, a educação não pode ser considerada como um processo linear e mecanizado. Pelo contrário, é um processo complexo e sutil, marcado por profundas contradições e por processos coletivos, contínuos e permanentes de formação de cada indivíduo, o que se dá na relação entre os indivíduos e entre estes e a natureza. Desse modo, vale destacar que a escola, como uma instituição social, desempenha uma função primordial na inserção do indivíduo no mundo social.

Assim, a aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. A aprendizagem é resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como da transferência destes para novas situações.

O processo de aprendizagem é desencadeado a partir da motivação. Esse processo se dá no interior do sujeito, estando, entretanto, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, principalmente, seus professores e colegas. Nas situações escolares, o interesse é indispensável para que o aluno tenha motivos de ação no sentido de apropriar-se do conhecimento.

Nessa perspectiva, a escolha por determinada temática surgiu devido a preocupações constantes em relação à condução e efetivação de um ensino diferenciado e de qualidade, comprometido devido a inúmeros fatores negativamente contraditórios a tal pensamento, e que de forma direta, gera

constantemente diversos obstáculos que dificultam que essa educação aconteça de fato.

Portanto, com a concretização de tal estudo espera-se que o mesmo contribua para que, não só os profissionais que atuam na instituição foco da pesquisa, mas também, todos aqueles que tiverem acesso a tal documento, a oportunidade de estarem constantemente revendo sua prática docente, isto é, refletindo de forma crítico-pedagógico sobre os objetivos que almeja durante uma determinada etapa educacional, intervindo na realidade educacional, no intuito de conhecer a forma como os sujeitos que estão envolvidos nessa realidade compreendem os dilemas que vivenciam no cotidiano escolar, visto que, a educação tem o objetivo de desenvolver no indivíduo o interesse na vida coletiva para assumir o compromisso de buscar ações que favoreçam o desenvolvimento da capacidade crítica de julgamento.

Assim, este estudo partiu de uma pesquisa bibliográfica, levantando informações sobre o tema em relevância, bem como, pelo desenvolvimento de uma pesquisa de campo realizada na Escola Municipal Joaquim Rodrigues de Sousa Martins.

O trabalho está estruturado em capítulos, onde no primeiro apresenta-se o trabalho, destacando os objetivos, a metodologia, a escolha do tema, a relevância social e a estruturação dos capítulos.

Do segundo ao quarto é a parte do referencial teórico onde aborda questões sobre a legislação brasileira e a educação, os critérios e pressupostos avaliativos, bem como, a presença das dificuldades de aprendizagem no processo de ensino.

O quinto traz os procedimentos metodológicos que foram disponibilizados para a realização do estudo.

No sexto apresenta-se as análises e discussão dos dados que foram obtidos na construção e desenvolvimento da pesquisa de campo.

Por fim, discorre-se as considerações finais a cerca das informações contidas dentro desse trabalho.

## 1 CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO

No tanger da educação a legislação determina e defende a responsabilidade integrada da família e do estado no dever de orientar a criança em seu percurso sócio-educacional. E ao estudar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (1996, p. 20) observa-se com bastante clareza a afirmação:

Art. 2º. A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

De acordo com uma análise de literatura nacional e internacional a cerca da evasão e repetência Mey (1991, p. 2) coloca um traço sobre o estudo em que “os alunos de nível sócio-econômico mais baixo tem um menor índice de rendimento e, de acordo com alguns autores, são mais propensos à evasão.” Ao estudar a evasão escolar, Abramowicz (1997, p. 51) afirma que:

A evasão escolar que não é um problema restrito apenas a algumas unidades escolares, mas é uma questão nacional que vem ocupando relevante papel nas discussões e pesquisas educacionais no cenário brasileiro, assim como as questões do analfabetismo e da não valorização dos profissionais da educação expressa baixa remuneração e nas precárias condições de trabalho.

Assim, a evasão é um problema nacional que não se restringe apenas a uma realidade mais que engloba inúmeros aspectos e contextos educacionais que resultam nesse problema denominado evasão escolar. Um problema global e dinâmico, pois a cada dia vem aumentando o número de crianças, jovens e adultos que são excluídos do processo educativo.

Portanto, pode-se dizer que a mesma contribui para o não desenvolvimento sócio-cultural e sim, para o aumento de crianças nas quais, a repetência escolar; onde verificamos que as oportunidades futuras de integração no mercado de trabalho vão se estreitando devido a pouca formação escolar, o despreparo e desqualificação profissional. A esse respeito, Freire (1997, 35) destaca que "a educação de um indivíduo promove sua socialização, já que possibilita o

estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais e a facilidades oferecidas pelas instituições sociais". Nesse sentido, se percebe que quanto maior for o tempo em que a criança ou jovem estiver fora do ambiente educacional formal maiores serão as probabilidades de exclusão social e o surgimento das desigualdades sociais que afetam à cada dia inúmeros casos.

O artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) destaca que a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

- I. igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II. direito de ser respeitado por seus educadores;
- III. direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores.
- IV. direito de reorganização e participação em entidades estudantis;
- V. acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Ainda de acordo com o ECA, o Artigo 55 enfatiza que, os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino. Observa-se a obrigatoriedade dos pais em matricularem seus filhos mas, a lei não assegura a permanência destes na escola, há um distanciamento entre o previsto neste artigo e o que de fato presencia-se. A maioria dos alunos da rede pública de ensino são oriundos das camadas populares e, uma parcela significativa acaba por evadir após uma reprovação ou por necessidade de ajudar na renda familiar.

A esse respeito Charlot (2000, p.50), diz que a problemática remete para muitos debates que tratam sobre o aprendizado, obviamente, mas também, sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público a igualdade das chances sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema educativo.

O estudo desenvolvido por Meksenas (1992, p. 23) sobre a evasão escolar dos alunos dos cursos noturnos, aponta por sua vez que a evasão escolar se dá em virtude de estes serem "obrigados a trabalhar para sustento próprio e da família, exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do ensino, muitos adolescentes desistem dos estudos sem completar o curso secundário".



## 2 A PRESENÇA DAS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Dentro da variedade terminológica, há autores que buscam uma separação entre o que seria denominado problema, dificuldade ou distúrbio de aprendizagem. É o caso, por exemplo, dos trabalhos de Passeri (2003) e Osti (2004). Neles, as autoras apontam que o termo distúrbio de aprendizagem refere-se mais a comprometimentos neurológicos e que o termo dificuldade de aprendizagem trataria mais de problemas na área acadêmica, decorrentes de fatores internos ou externos ao indivíduo. Segundo Passeri (2003, p.29), “este segundo termo é mais genérico, portanto, e envolve os termos ‘dificuldade escolar’ e ‘problemas de aprendizagem”.

No entanto, essa perspectiva não se confirma em várias outras obras nas quais, muitas vezes, esses termos são tratados como sinônimos; é o caso, por exemplo, do trabalho de Smith e Strick (2001). Uma das poucas certezas que podemos ter em relação a essas definições é que as crianças com dificuldades de aprendizagem não apresentam baixa inteligência, mas sim problemas específicos para aprender. Essa caracterização foi apresentada à comunidade científica por Samuel Kirk, considerado atualmente o pai dos estudos nesse campo. Todavia, cumpre destacar que ao definir o termo, o autor apontava que tais problemas eram provocados, especialmente, por desordens internas ou fatores intrínsecos aos indivíduos.

Dessa forma, o termo dificuldade de aprendizagem não é recente e há uma evolução histórica que caracteriza as múltiplas influências que os estudos e pesquisas nessa área sofrem. Conforme apresentado em Saravali (2005), essas diferentes perspectivas ora apontam para tendências médicas e orgânicas, ora para tendências psicológicas e pedagógicas, sem, no entanto, haver consenso sobre o que caracteriza uma dificuldade de aprendizagem:

[...] as teorias das dificuldades de aprendizagem são controversas, conceitualmente confusas e raramente apresentam dados de aplicação educacional imediata. Mesmo com uma grande panorâmica e com um grande potencial de investigação, as teorias das DA continuam a ser muito complexas e muito pouco consistentes (FONSECA, 1995, p.57-58).

Na atualidade, esse panorama não sofreu grandes transformações, mas podemos considerar uma definição datada de 1988, que é muito aceita pelo National

Joint Committee on Learning Disabilities. Segundo Sisto (2001), essa definição caracteriza-se da seguinte forma:

- 1) Problemas nas condutas auto-reguladoras da percepção ou interação social, como por exemplo, déficits de atenção e hiperatividade, (apesar de outros autores discordarem) não constituem uma DA (dificuldade de aprendizagem), embora possam ser sintomas de pessoas com DA.
- 2) Dificuldades de aprendizagem não se caracterizam por problemas como deficiências sensoriais, retardo mental, transtorno emocional, condições culturais, ensino inadequado ou insuficiente. Entretanto, pode haver coocorrências desses problemas com as DA e “também não se discute que essas condições produzem dificuldades de aprendizagem” (SISTO, 2001, p.13).
- 3) Dificuldade de aprendizagem corresponde a dificuldades intrínsecas ao indivíduo, supostamente devido a uma disfunção do sistema nervoso central, e estão baseadas em estudos neuropsicológicos e genéticos.
- 4) Em qualquer idade é possível uma pessoa manifestar DA, o que indica que esse problema pode ser um desafio vitalício. Assim, poder-se-ia definir que o termo dificuldades de aprendizagem engloba um grupo heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração e cálculo, em pessoas com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras ou desvantagens culturais. Geralmente a DA não ocorre em todas essas áreas de uma só vez e pode estar relacionada a problemas de comunicação, atenção, memória, raciocínio, coordenação, adaptação social e problemas emocionais (SISTO, 2001). O indivíduo com DA não possui rebaixamento de QI, indicando aquilo que muitos autores chamam de conduta discrepante acentuada entre o potencial para a aprendizagem e o desempenho acadêmico.

Nessa perspectiva, embora muitos autores considerem essa definição como a mais completa, não acreditamos que o uso abundante do termo em nossas escolas e por nossos docentes esteja enquadrado nos aspectos previstos pelo Comitê Internacional em questão. Se estivesse, isso significaria o caos em relação à possibilidade de aprender dos nossos estudantes, dada a enorme quantidade de queixas em relação às dificuldades de aprendizagem discentes. Portanto, nesse sentido, concordamos com a posição de Fonseca (1995): para definirmos ou mesmo pensarmos em dificuldades de aprendizagem devemos adotar uma postura interacional e dialética, ou seja, procurar integrar os déficits no indivíduo, na escola, na família, pois “as condições internas (neurobiológicas) e as condições externas (sócio-culturais) desempenham funções dialéticas (psicoemocionais) que estão em jogo na aprendizagem humana.” (1995, p.12). Dessa forma, o ambiente escolar

também pode ser ou não estimulante, oferecendo ou não as oportunidades apropriadas para a aprendizagem:

Nesse sentido, a fim de obterem progresso intelectual, as crianças devem não apenas estarem prontas e serem capazes de aprender, mas também devem ter oportunidades apropriadas de aprendizagem. Se o sistema educacional não oferece isso, os alunos talvez nunca possam desenvolver sua faixa plena de capacidades, tornando-se efetivamente 'deficientes', embora nada haja de fisicamente errado com eles, "a verdade é que muitos alunos fracos são vítimas da incapacidade de suas escolas para ajustarem-se às diferenças individuais e culturais (SMITH e STRICK., 2001, p. 33-34).

Portanto, é em relação a esses tópicos que gostaríamos de trazer elementos que contribuem para a reflexão. Em nossa experiência cotidiana de formadores de professores e de psicopedagogos, e também na prática clínica, ficamos preocupados com a quantidade de crianças que são colocadas às margens do sistema de ensino, já definidas como incapazes de aprender. Nesse sentido, gostaríamos de abordar o que denominaremos aqui de contribuições da perspectiva construtivista para as dificuldades de aprendizagem.

### 3 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

A alfabetização como um processo de apropriação do conhecimento da língua escrita, em que o aluno, gradativamente irá ampliar e rever suas formas de ler o mundo e representá-lo com o domínio de um sistema de código, a criança indefinidamente sua possibilidade de cognição.

Nessa perspectiva, a alfabetização, anteriormente tomada como mera atividade mecânica, individualista e desvinculada de outros conhecimentos, priorizava apenas o aspecto gráfico da língua escrita. Hoje, assumindo um sentido mais amplo, alfabetizar é interagir com o mundo por intermédio da língua escrita. Assim, pode-se dizer que esse processo não se limita ao reconhecimento e à utilização de símbolos como simples tarefa de codificação e decodificação. Sendo a linguagem um instrumento de representação é por ela que se expressa a visão de mundo daquele que fala.

Dessa forma, no momento em que a criança entra em contato com a escrita, pela interação com pessoas que leem e escrevem, começam a elaborar noções básicas da função social da escrita tais como: organização, comunicação, registro e lazer.

Assim, qualquer forma de escrita deve permitir a leitura que é a tradução dos símbolos escritos em falar, expressando mensagens significativas. O que se ensina na escola, bem como tudo o que faz parte da realidade social, está diretamente ligado à leitura e desta depende para se manter e se desenvolver. A partir da interpretação da leitura, o indivíduo fará relações, argumentos, conclusões e avaliações para então, posicionar-se em relação aquilo que leu.

Nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997, p.30) ressaltam que:

Cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e interpreta-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois, não há um trabalho planejado com essa finalidade.

Sob essa ótica, pode-se dizer que toda leitura é feita com o objetivo de buscar informações, ideias novas, confirmações, destacando as ideias principais, no intuito

de verificar as conclusões, associando essas ideias com aquelas leituras que já são do conhecimento dele. Para tanto, visando uma melhor compreensão e interpretação do texto é necessário que a criança aprenda com o professor a conhecer sua estrutura como também as intenções comunicativas do autor, pois, segundo Freire (2001, p.80), “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”.

Nessa perspectiva, a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, o autor, a linguagem, etc. Dessa forma, não se trata de extrair informações decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferências e verificação, sem os quais não é possível proficiência.

### **3.1 Considerações básicas sobre a leitura**

É importante que a leitura deve ser vista como sendo uma atividade, que estimula a conscientização, questionamento, criatividade e crítica, possibilita ao leitor se aprimorar e usufruir dos “bens culturais”; saiba se posicionar frente a assuntos diversificados. É preciso que se tenha consciência da importância da leitura, para a libertação dos educandos, explicitando que não basta ser apenas alfabetizado. Deste modo, Silva (2003, p.23):

É importante ressaltar que a alfabetização, apesar de ser um componente essencial para a formação de leitores, não é suficiente, em si mesmo, para garantir a evolução da leitura numa sociedade. De que adianta “saber ler” se os objetos de leitura (livros, jornais, revistas, etc) não são colocados à disposição do indivíduo?.

A leitura deve ser vista como ferramenta essencial para a civilização e participação do homem na sociedade. Possuir conhecimentos sobre a cultura registrada pela escrita, já é um grande caminho para se libertar, dos discursos massificantes dos tecnocratas, que tem como intenção reproduzir as ideias alienantes dos opressores:

O domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valerem os seus interesses, porque ficam desarmados contra

os dominadores, que se utilizam exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação.(...) (SILVA, 2003, p. 35).

Adquirir acesso e domínio da leitura é passar de seu estado de passividade, para questionar, reformular os textos. Deste modo se comunicar, colocando suas ideias, aspirações, ou seja, expor seus interesses e de sua classe; lutando para que sejam aceitas, Silva (2003, p.45) expõe que ler é um ato libertador e quanto maior vontade consciente de liberdade, maior índice de leitura (...) uma sociedade que sabe expressar sabe dizer o que quer, é menos manobrável.

A leitura foi conquista do ser humano, no seu processo de evolução, e instrumento vital para o desenvolvimento da sociedade, seja no sentido de libertação, seja no aprimoramento das descobertas já alcançadas. Possibilitando desta maneira novas descobertas, baseadas nos estudos que outros estudiosos arquivaram, através da palavra escrita.

Nesse sentido, a leitura amplia os conhecimentos do ser humano. É através dela ou mesmo pelo hábito de ler que o indivíduo habilita-se a exercer os conhecimentos culturalmente construídos e dessa forma escala com maior facilidade os novos degraus do ensino, e em consequência atinge também sua realização profissional.

O ato de ler é função primordial da escola, e é esta que possibilita o educando a ler o mundo e a construir a sua própria história. Se observarmos a realidade que nos cerca, não existe outro caminho senão investir na educação para todos sem discriminação, há necessidade de que se ultrapasse a estrutura educacional atual. Para Zilberman (1982), “a escola, na medida mesma em que trabalha com indivíduos diferentes, com valores, crenças, hábitos linguísticos e comportamentais diferentes, é também um campo de batalha - luta de ideias e de linguagens, como expressão da luta de classes”.

Colocada como base da educação, a leitura assume seu papel político democrático ou não, dependendo do grupo social a que está submetida. Portanto se a escola pretende participar no processo democrático do país deve estimular a leitura nas séries iniciais até o final das atividades escolares dos educandos; partindo em primeiro lugar de uma metodologia de ensino da leitura que fomente no educando o prazer de ler, desenvolvendo o senso crítico diante do que foi lido, relacionando-o com a realidade. Freire (2001, p. 34) enfatiza que:

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele... de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

A leitura constitui-se num instrumento de produção e reprodução. É esta um bem cultural onde o ser humano se constrói como sujeito de sua própria história, interagindo no seu mundo ou na sociedade em que vive; assim a leitura propiciará a mudança almejada pela sociedade.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, compreensão na qual os sentidos começam a ser construído antes da leitura propriamente dita. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura.

## 4 CONCEPÇÕES DO PROCESSO DE ESCRITA

Escrever é manifestar à vontade, a emoção, a história de um país, de um Estado, de uma cidade, ou de uma pessoa que utiliza das letras para colocar “para fora” todos os seus desejos, anseios, alegrias e tristezas.

Desse modo, ao produzir um texto à criança expõe suas ideias, experiências, seu estado psicológico e emocional naquele determinado momento, bem como seus anseios e desejos. Assim, na produção de um determinado texto são necessárias as formulações de ideias, planejamento, organização da imagem usando a palavra, com certeza o escritor transmitirá para o leitor sua intenção e o mais importante é ter conhecimento do determinado assunto para transcrevê-lo.

Sob essa perspectiva Kleiman (2001, p.56), destaca que “à medida que cresce a escolaridade de um aluno, sua produção de texto diminui o que deveria ser ao contrário”, pois de acordo com os PCNs (1997, p.75), “a produção da língua escrita de um aluno deve ser um processo permanentemente desenvolvido e melhorado durante todo o período de escolarização do aluno”.

De acordo com Lajolo (2002, p.80) muitos alunos não se sentem estimulados a escrever, pois, o professor “cria o hábito de escrever tudo o que os alunos necessitam na lousa, dessa forma os alunos se desinteressam pela escrita de seus próprios textos, por que esperam do professor um conteúdo pronto”.

Dessa maneira, os educandos em muitos casos sentem-se desestimulados por conta do professor, que na maioria das vezes, utiliza a escrita e a produção de textos como algo mecânico, onde são reproduzidos determinados textos de autores consagrados e que são “copiados” pelos alunos. Nesse contexto, Brito (2004), baseado em suas pesquisas e estudos, afirma que o essencial para estimular os alunos a tornarem-se escritores é que os mesmos passem por determinadas experiências como:

- saber que a escrita serve para qualquer coisa, se comunicar, contar e conservar histórias, criar histórias;
- perceber que a escrita lhe dá poder para se comunicar com o restante do mundo;
- perceber o prazer que a produção de um texto escrito pode lhe proporcionar;



- entender a produção de texto não como um trabalho enfadonho, mas como uma forma de buscar sua autonomia enquanto indivíduo.

Vale destacar que, existe uma grande interação entre leitura e escrita, pois é necessário dominar a leitura para escrever e dominar a escrita para ler, onde Brito (2004, p.56), complementa dizendo que “a escrita e a leitura vêm antes da escola, pois a criança constantemente vê-se interessada em saber o que está escrito num cartaz, como também em saber escrever seu nome, o de seus pais”.

De acordo com Freire (1997, p.23) “o ensino de língua portuguesa, desde o início do processo de letramento escolar tem sido objeto de discussão e preocupação de muitos especialistas”. Onde a sociedade atual impõe a alfabetização como condição para se ter uma vida de relação ampla, integrada e autônoma. Não há dúvida de que o nível de desenvolvimento cultural de um país se avalia pelo número de alfabetizados no mesmo. É importante mencionar ainda que ler é uma atividade indispensável na nossa cultura contemporânea. Não somente é necessária para obter resultados satisfatórios nos exames, mas para conhecer, apreciar, valorizar tudo o que escreve, pois, segundo Freire (1997, p.23), através da leitura um indivíduo “é capaz de adotar uma postura pessoal perante tudo o que foi escrito pela humanidade, é por isso, que a leitura está ligada a todo o processo de assimilação da cultura em que vivemos”.

#### **4.1 O ensino da escrita na escola**

As concepções de linguagem e de mundo se modificam ao longo do tempo, na proporção em que a sociedade também se transforma historicamente. A sociedade em que vivemos, o modo de vida que presenciamos, os valores e as crenças de hoje são reflexos de um caminho que vem sendo percorrido e que não pode ser estanque, já que o homem recria o tempo todo. Tal reflexo se apresenta também, e nem podia ser diferente, na educação. O florescer de uma tendência, que vemos hoje preocupada com a formação integral do sujeito, advém da soma de experiências vividas no passado, dos acertos e desacertos vividos em outras tendências educacionais.

A escolha de nossa prática pedagógica tem estreita relação com a maneira de vermos o mundo, de concebermos a sociedade. Não é uma escolha técnica; é,

acima de tudo, política, pois nela estão implícitos o tipo de aluno que desejamos formar e a sociedade que queremos servir. Essa ideia aparece em Geraldi (1994, p. 40) quando afirma que:

Antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria da compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula.

Uma vez que o objeto do presente trabalho é o ensino de produção de textos, faz-se necessário apontar alguns aspectos referentes ao percurso histórico do ensino da escrita na escola. É muito recente a história do ensino sistemático da escrita no contexto educacional brasileiro.

Segundo Bunzen (2006), até meados do século XX, o ensino das regras gramaticais e da leitura tinha um destaque muito maior do que o ensino da escrita. Nesse período, fazer composição, como eram chamados os textos dos alunos, significava escrever a partir de figuras ou títulos dados, tendo como base os textos modelo dos “bons autores”.

Acreditava-se que a aprendizagem se dava pela exposição à boa linguagem e na existência de uma língua homogênea, a - histórica e, conseqüentemente, não-problemática.

Dessa forma, enfatizava-se muito mais o produto final, sendo o texto concebido como tradução do pensamento lógico. Predominava, nessa época, a concepção de língua como expressão do pensamento. Nas décadas de 60 e 70, observamos algumas mudanças em relação ao ensino da chamada redação escolar. Algumas dessas mudanças advêm da reforma de ensino de 1º e 2º graus, a LDB nº. 5692/71, que instituiu alterações nos objetivos, nos procedimentos didáticos e na formulação dos métodos para o ensino de língua materna. A aprendizagem da língua passa a ser, essencialmente, a aquisição de um instrumento de comunicação, ou seja, o objetivo é desenvolver e aperfeiçoar os comportamentos do aluno como emissor e receptor de mensagens, através da utilização e compreensão de códigos diversos – verbais e não-verbais (SOARES, 2002, p. 169).

Do ponto de vista linguístico, a língua é considerada como instrumento de comunicação, sendo o texto normalmente entendido como uma mensagem que contém um significado e que precisa ser decodificada pelo receptor. No final dos

anos 70, o Decreto Federal nº. 79298/77, que estabeleceu a obrigatoriedade da prova de redação nos vestibulares, consolidou o ensino de redação no ensino médio. O uso exclusivo de questões do tipo múltipla-escolha nos vestibulares era um dos principais argumentos utilizados para justificar o “mau desempenho” dos alunos na produção de textos escritos (SOARES, 1978, p. 53). Assim, a obrigatoriedade da prova de redação surgiu como uma forma de melhorar esse mau desempenho. Mas, como já apontava Soares (1978), os efeitos da redação do vestibular, muito longe de resolver o problema de produção de textos dos alunos, acabaram por cristalizar um objeto de ensino para o ensino médio – a redação do vestibular.

A discussão sobre o ensino centrado na diversidade textual, iniciada nos anos 80, fica muito mais explícita nos documentos dos PCN de Ensino Fundamental (1998), nos PCN (2002) e, de forma mais implícita, nos PCNEM (1999) que adotam o texto como unidade de ensino e os gêneros como objetos de ensino. Estes documentos não representaram somente uma mudança curricular, mas, sobretudo, um novo paradigma educacional.

Vale ressaltar que além de representarem mudanças na orientação para a prática, os documentos representaram mudanças teóricas. Um dos aspectos a ser considerado é que a nova perspectiva de ensino da língua pautou-se numa visão centrada na noção de interação verbal. Entretanto, o fato de o texto ter-se tornado unidade de ensino prescrito oficialmente não garante que tenha sido efetivamente vivenciado na prática de ensino. De acordo com Antunes (2003), um exame mais acurado de como o ensino de língua materna acontece desde o ensino fundamental denuncia a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos casos, mantém ainda a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase desvinculadas de qualquer contexto comunicativo.

A respeito de se utilizar o texto como objeto de estudo, Bunzen (2006, p. 152) destaca dois aspectos: o primeiro é que o texto, muitas vezes, ficou restrito à análise dos aspectos da textualidade (coesão e coerência) e bem menos no usuário/interlocutor (intencionalidade, aceitabilidade etc.), ou seja, enfatiza-se muito mais uma metalinguagem no nível do texto, deixando de lado os efeitos de co-construção de sentido(s); o segundo aspecto é que a diversificação das atividades de produção de texto parece ter dado mais destaque à estrutura composicional dos textos do que à diversidade de contextos/situações de produção.

Assim, o aluno continuou a produzir redações para o professor com a estrutura composicional de cartas, notícias, reportagens etc., uma vez que não houve praticamente alteração no contexto de produção, circulação e recepção. Isso nos chama atenção para uma perspectiva instrumental do ensino de língua materna que reduz a função social do gênero a uma função/modelo de texto escolar (SIGNORINI, 2001).

Atualmente muitos estudos têm sido realizados sobre a questão do gênero, bem como sobre o comportamento dos professores diante desse aspecto tão central no âmbito da reflexão lingüística. Essa reflexão é importante, tendo em vista o caráter eminentemente formal e reducionista que sempre se deu às questões sobre língua e também sobre texto no ambiente escolar.

Segundo Antunes (2003), embora muitas ações institucionais já tenham sido realizadas, no sentido de motivar e fundamentar uma reorientação dessa prática, as mudanças observadas, infelizmente, ainda não ultrapassam o domínio de iniciativas assistemáticas, eventuais e isoladas. O professor de português precisa comprometer-se com a causa da educação lingüística de seus alunos, precisa dispor de tempo para estudo e reflexão, precisa inserir-se em projetos de pesquisas, participar de cursos de atualização e estar em sintonia com as novas orientações e propostas da área da linguagem.

O trabalho pedagógico e a formação do professor de português são, atualmente, uma preocupação dos meios acadêmicos e constituem tema de inúmeras pesquisas, embora ainda sejam escassos os livros que têm como destinatários, especificamente, os professores de português do ensino fundamental e do ensino médio.

Como já discorreu-se, a leitura possibilita o desenvolvimento individual e social do indivíduo. É pela leitura e na leitura que constrói-se, reconstrói-se e desconstrói-se conceitos relevantes a nossa formação enquanto ser humanos, e partindo do princípio de que a atividade de leitura deve ser fator essencial à formação do sujeito, cabe à escola, despertar nos alunos não somente o gosto pela prática da leitura, mas também, fazê-los perceber a importância dessa leitura não somente no âmbito escolar como também no meio em que estamos inseridos, uma vez que é através do nível de leitura (conhecimentos) de cada um que surgem as oportunidades e neste mundo elitizado e seletivo, terão mais chances aqueles que têm maior capacidade de posicionar-se criticamente.

A construção do cidadão começa a partir da sua percepção do mundo que se encontra à sua volta desde a sua infância e do outro lado os valores, crenças, gostos e receios do universo da linguagem familiar. A leitura construída a partir do mundo social da vivência da criança leva o cidadão à re-criar, reviver a leitura na essência. Sob essa ótica, Ferreiro (2001, p.52) destaca que todo o conhecimento através de textos oferecidos aos alunos pelos professores passam a ter significado no contexto geral da gramática, isto porque, o papel importante do professor é o de engajar o texto no mundo social do aluno, fazendo com que ele perceba as diferenças e não deixe a riqueza do texto se esvaír pelos dedos, o papel do mestre neste momento é de fundamental importância, é a procura do referencial do ser e sua significação profunda.

A quantidade de leituras sem o devido controle de que os textos oferecidos para leitura sejam compreendidos massacram os alunos e não levam a eles riquezas da importância da leitura e escrita. A leitura crítica da realidade se dá num processo de alfabetização ou não e é associada a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização. As reflexões em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e re-escrita do lido, estão em consonância com a forma de ser e com o que o indivíduo pode fazer.

Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Todo partido político é sempre educador e, como tal, sua proposta política vai ganhando atos de denunciar e anunciar. A educação burguesa começou a se constituir, historicamente muito antes mesmo da tomada do poder pela burguesia. Parafraseando Silva (2003), na medida em que se compreende a educação, de um lado, reproduzindo a ideologia dominante, mas, de outro, proporcionando, independentemente de intenção de quem tem o poder, a negação daquela ideologia pela confrontação entre ela e a realidade, realidade vivida pelos educandos e educadores, percebe-se a inviabilidade de uma educação neutra. O fato de não ser o educador um agente neutro não significa, necessariamente, que deve ser um manipulador. Enquanto educadores são deveres aclarar, assumindo sua opção, que é política e ser coerente com ela, na prática.

O educador, como quem sabe, precisa reconhecer, primeiro, nos educandos em processo de saber mais, ou sujeitos, com ele deste processo e não pacientes acomodados; segundo, reconhecer que o conhecimento não é um dado aí, algo

imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu a quem ainda não o possui. Portanto, conforme Nell (2001, p.23) devemos trabalhar a leitura e a escrita de forma que sejam desenvolvidas habilidades que favoreçam episódios que fazem parte do contexto real de aprendizagem. Citando, ainda, Koch (2002, p.55) é primordial trabalhar a diversidade de gêneros, de tipos textuais e de suportes textuais dos diferentes contextos sociais.

Nesse contexto, para se formar leitores fluentes é de fundamental importância a interação entre professor e aluno, pois será essa relação que irá propiciar um maior interesse na busca do conhecimento. O professor precisa ser o “espelho” para seu aluno, ele deverá ser o exemplo de um bom leitor, pois o educador tem a função de mediador entre o aluno e a aquisição do hábito da leitura. E de acordo com Paulo Freire, Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo, ou seja, o ato de educar, de se ensinar a ler, precisa se constituir em um pacto entre o educador e o aluno. (FREIRE, 2001, p. 12).

Além disso, nessa perspectiva, a transformação social é percebida como processo histórico em que subjetividade e objetividade se prendem dialeticamente. A alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra. Rezende (1993, p.55), “também concebe a leitura como possibilidade de abertura ao mundo e caminho para um conhecimento mais aprofundado do leitor sobre si mesmo”. Para o autor:

a leitura é um ato de abertura para o mundo. A cada mergulho nas camadas simbólicas dos livros, emerge-se vendo o universo interior e exterior com mais clareza. Entra-se no território da palavra com tudo o que se é e se leu até então, e a volta se faz com novas dimensões, que levam a re-inaugurar o que já se sabia antes. (REZENDE, 1993, p.164).

Nessa perspectiva, é importante que o educador conheça seu aluno, pois cada um tem sua cultura, dificuldades, gostos diferentes; o que pode parecer bom para um pode não ser para o outro. Dessa forma será preciso que o educador aperfeiçoe suas metodologias, para assim apropriá-las a seus alunos.

Ensinar é algo de profundo e dinâmico onde a questão da identidade cultural que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos, é essencial à prática educativa progressista. Portanto, torna-se imprescindível solidariedade social e

política para se evitar um ensino elitista e autoritário como quem o exclusivo do saber articulado. Educar não é mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida. Senão não terá eficácia.

“O educador que “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica. A autonomia, a dignidade e a identidade do educando têm de ser respeitada, caso contrário, o ensino tornar-se-á palavreado vazio e inoperante”. (FREIRE, 2001, p. 69).

Aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e a aventura do ser, pois ensinando se aprende, e aprendendo se ensina. A esperança e o otimismo na possibilidade de mudança são um passo gigante na construção e formação científica do professor que deve coincidir com sua retidão ética. Para se resolver à prática educativa consciente os educadores deverão ter sempre em mente: a rigorosidade metódica e a pesquisa, a ética e estética, a competência profissional, o respeito pelos saberes do educando e o reconhecimento da identidade cultural, a rejeição de toda e qualquer forma de discriminação, a reflexão crítica da prática pedagógica, o saber dialogar e escutar, o querer bem aos educandos, o ter alegria e esperança, o ter liberdade e autonomia, o ter curiosidade e o ter a consciência do inacabado.

Portanto, Cagliari (1990, p.148) ressalta que “a atividade fundamental desenvolvida pela escola para formação dos alunos é a leitura”. A aquisição da leitura, parte de uma construção de significados através da leitura de textos, com as experiências de vida, a vivência com a família, com a sociedade, no trabalho e na escola. Segundo Freire (FREIRE, 2001, p.32), “o exercício da oralidade é fundamental na prática da alfabetização”. Desse modo a ação de ler o mundo está ligada aos diferentes tipos de textos e recursos utilizados na escola. Na escola, o adulto é incentivado na busca da compreensão do mundo letrado em que vive, pois na busca pela aprendizagem da leitura, ele desenvolverá sua capacidade de analisar criticamente a mensagem por ele recebida. Ler e escrever não é somente a decifração dos sons e das palavras, e sim a formação de um leitor autônomo, capaz de escolher a informação que ampliará seus conhecimentos. Nesse conjunto, Cagliari defende que:

O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu (CAGLIARI, 1999:150).

A escola é o lugar ideal para promover o hábito da leitura, pois se preocupa em desenvolver técnicas e estratégias, para o alcance desse objetivo, porque um desses objetivos é o de motivar o interesse pela leitura.



## **5 METODOLOGIA**

### **5.1 Caracterização da pesquisa**

O presente estudo baseou-se em uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados na Internet, bem como, por meio de uma pesquisa de campo.

### **5.2 Universo da pesquisa**

A pesquisa aconteceu no mês de Novembro de 2013 na Escola Municipal Joaquim Rodrigues de Sousa Martins, localizada no Povoado Gameleiras dos Rodrigues, Zona Rural da cidade de Picos-PI.

Quanto à participação da família no acompanhamento escolar dos alunos, as reuniões de pais e mestres acontecem mensalmente se tornando um momento não de “queixas” ou “reclamações”, mais sim, de troca de experiências entre a escola e a família, criando um círculo de amizade e participação.

O planejamento escolar é realizado mensalmente pelos professores com a orientação da coordenação pedagógica, onde são analisadas as dificuldades, traçadas as metas e escolhidos os conteúdos a serem trabalhados, adequando-os a realidade dos alunos. O planejamento diário das atividades é realizado individualmente com troca de experiência entre professores da mesma série.

Nesta instituição existe um outro organismo funcionando dentro da escola, que é o Conselho Escolar, composto por representantes da comunidade escolar e local, que é responsável pelo recebimento, execução e aplicação dos recursos recebidos pela escola.

### **5.3 Instrumento de coleta e tratamento dos dados**

Como instrumento de coletas de dados optou-se pela elaboração de questionários com questões fechadas, destinadas a 10 (dez) professores que atuam no Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da escola foco desse estudo. Para tanto, o pesquisado não foi identificado de forma alguma, respondendo as perguntas de

forma individual. A não identificação permite maior fidedignidade dos dados, evitando sua contaminação por eventuais receios e/ou medos. Logo após a etapa de coleta de dados procedeu-se a etapa de análise e tabulação dos resultados obtidos culminando com a elaboração do relatório monográfico da pesquisa realizada.

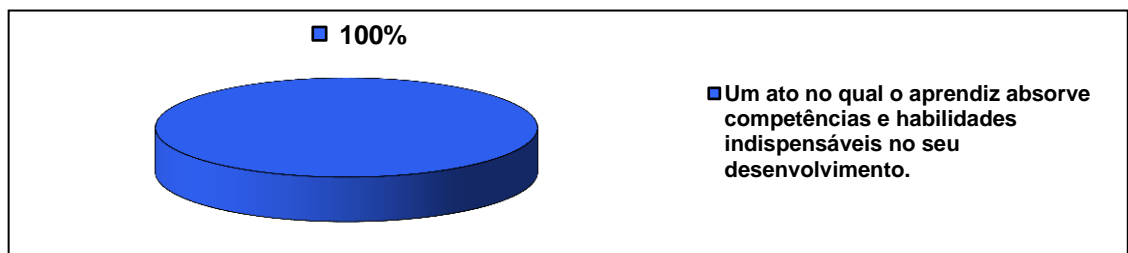
## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 6.1 Resultados dos Professores

A importância da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental refere-se a apropriação da linguagem escrita na perspectiva das práticas sociais letradas. Assim, a importância da leitura desperta sempre debates e inquietações entre educadores e educandos, visto que, é um dos desafios que há muito tempo vem provocando reflexões e desenvolvimento de experiências no campo educacional.

Além disso, a escrita contribui na formação geral e que possibilita a formação de indivíduos críticos, autônomos e atuantes nesta sociedade em constante mutação é necessário desenvolver práticas de leituras variadas que promova, de maneira direta ou indireta, uma reflexão sobre o contexto social em que estão inseridas, haja vista que a escrita configura-se muito mais do que a simples decodificação, isto é, o processo de compreensão de determinados signos e sinais gráficos. Ela representa a oportunidade prática para uma nova tomada de visão e decisão, isto é, por meio da escrita, a criança precisa escrever e compreender o que se está escrito.

Desse modo, quando indagados sobre a importância da leitura e escrita, todos os professores entrevistados declararam que por meio das mesmas, o aluno é capaz de desenvolver de maneira integral, ou seja, é capaz de criar, pensar, descobrir, conhecer e brincar. Como pode-se observar no gráfico abaixo:



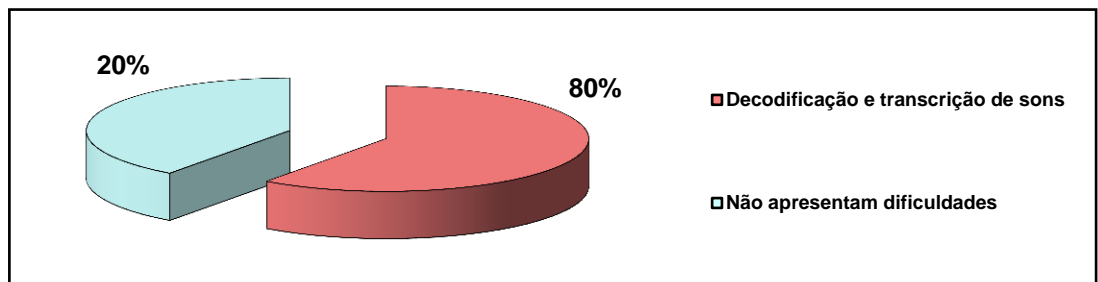
**Gráfico 01: A importância da leitura e da escrita no processo de alfabetização**

Fonte: Pesquisador

De acordo com as informações transcritas no gráfico pode-se dizer que a aquisição da leitura parte de uma construção de significados através da leitura de textos, com as experiências de vida, a vivência com a família, com a sociedade, no

trabalho e na escola. Nessa perspectiva, vale considerar que ler e escrever não é somente a decifração dos sons e das palavras, e sim a formação de um leitor autônomo, capaz de escolher a informação que ampliará seus conhecimentos. Dessa forma, a leitura não deve ser vista como uma obrigação, e sim como uma satisfação.

Em seguida, quanto às maiores dificuldades, que os alunos da alfabetização, têm em relação à escrita e leitura, 80% dos professores responderam que os alunos sentem dificuldade no momento da decodificação e transcrição de sons de algumas palavras, os outros 20% não apresentam dificuldades. Como pode-se perceber no gráfico 02:



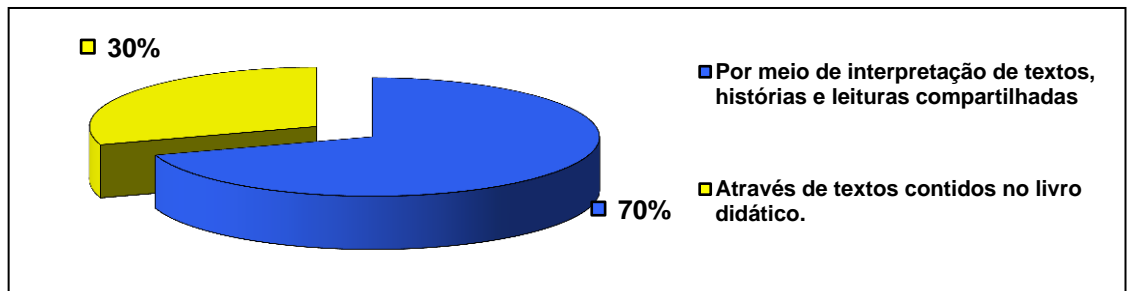
**Gráfico 02: Dificuldades encontradas pelos alunos em relação à escrita**

Fonte: Pesquisador

Assim, o ato de compreensão de uma determinada escrita requer uma releitura do mundo em que o sujeito possa fazer relações entre o texto e o contexto, interagindo de forma ativa entre o texto e as “pontas” interpretativas que o mesmo pode oferecer, ou seja, muitos educandos sentem dificuldades no momento em que o professor escreve no quadro determinadas palavras ou por meio de um ditado, onde os mesmos devem transcrever essas palavras. No entanto, vale lembrar que até mesmos acadêmicos de universidades sentem dificuldade ou trocam determinadas letras ou fonemas.

É imprescindível que a prática da escrita na vida dos educandos, deve promover de forma contínua e contextualizada, uma rede de significados e significações para que esse educando (escritor) possa ser capaz de produzir, criar e inventar outros significados, aqueles que estão visivelmente presentes da escrita de um texto.

Logo após, no que diz respeito ao modo como os mesmos trabalham a leitura e a escrita em sala de aula, 70% desenvolvem atividades de interpretação de textos, histórias e leituras compartilhadas, e 30% utilizam apenas os textos disponibilizados no livro didático. Nesse sentido, pode-se observar essas informações no gráfico abaixo:



**Gráfico 03: Maneira como os professores trabalham a leitura e a escrita na sala de aula**

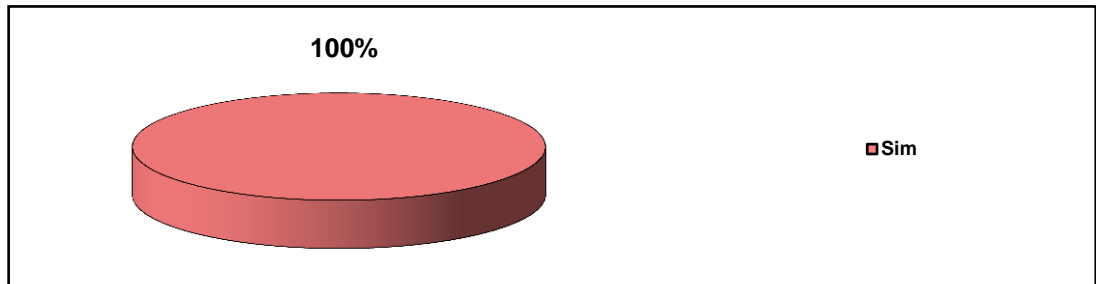
Fonte: Pesquisador

É indispensável que os professores ao realizarem o planejamento escolar delineiem aquelas atividades que estão mais próximas da realidade dos educandos, destacando aqueles conteúdos que serão mais significativos para eles naquele determinado momento ou em situações posteriores.

A educação deve ser percebida como um processo contínuo, construído a cada dia, onde ao longo das etapas da aprendizagem são levadas em consideração fatores imprescindíveis na concretização de uma educação de qualidade.

Desse modo, o professor, como sendo mediador do conhecimento, oportunize situações em que os mesmos tornem-se co-autores de uma maneira “diferente” de posicionar-se diante de determinada ideia e/ou pensamento contido no texto. Percebe-se então que a escrita torna-se parceira íntima da leitura no desenvolvimento escolar dos educandos, visando otimizar a qualidade da educação por elas mediadas.

Em seguida, foram questionados sobre se os mesmos consideram que a prática da escrita e leitura oferecida no estabelecimento escolar desperta expectativas nos educandos para o futuro. A esse respeito, 100%, ou seja, todos os professores que participaram da entrevista responderam por unanimidade, apontando como positiva a sua resposta. Como revela o gráfico localizado abaixo.

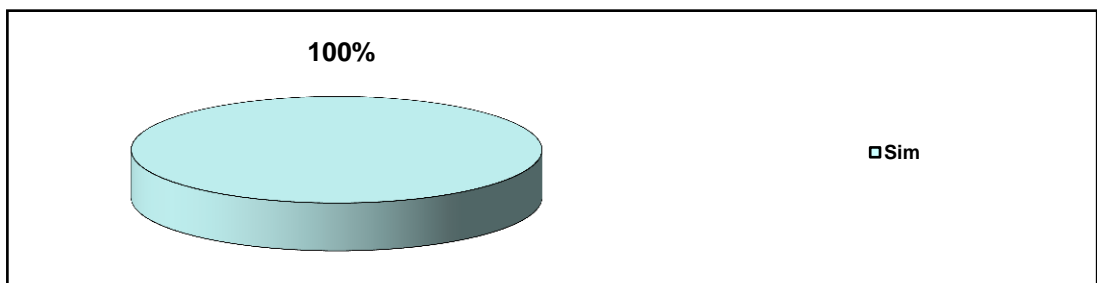


**Gráfico 04: Relação da prática da escrita e leitura com expectativas promissoras nos educandos para o futuro.**

Fonte: Pesquisador

Com isso, os educadores devem estar constantemente à procura de novos métodos e técnicas de ensino, onde favoreçam o incentivo à prática efetiva da leitura e a conscientização dos seus alunos sobre a importância e a presença da leitura na vida humana.

Perguntou aos mesmos se, ao longo da prática docente, eles têm a preocupação em oferecer novas possibilidades de escrita, viabilizando diversas modalidades de produção escrita como recados, cartas, bilhetes, narrativas, redações, etc. Sob essa ótica, novamente todos os professores responderam que procuram na medida do possível e das limitações de material escolar, proporcionar uma aprendizagem escrita realmente direcionada para um bem estar na sala de aula e um ensino significativo que evidencie a escrita não como um processo puramente mecanizado, mas, algo contínuo e promissor a grandes conquistas e transformações sociais. As informações podem ser observadas no gráfico 05, localizado abaixo:



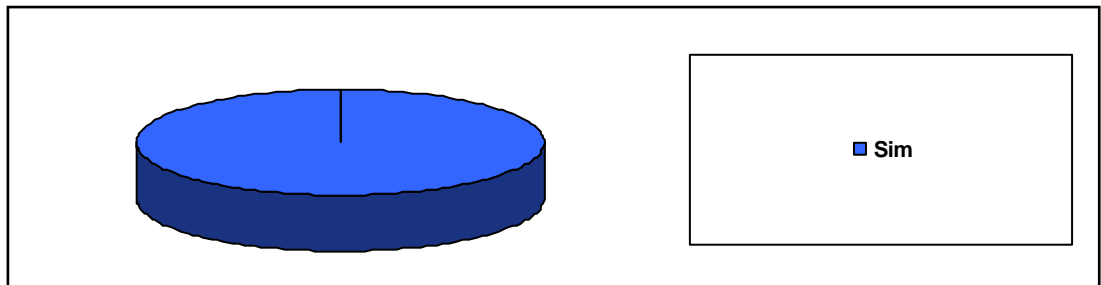
**Gráfico 05: Preocupação dos professores em oferecer novas possibilidades de Escrita e leitura**

Fonte: Pesquisador

Nessa perspectiva, a escola, como sendo um ambiente social, deverá ser para todos os envolvidos no processo educativo, um local promissor a troca e

vivência de experiências, contribuindo de maneira positiva na efetivação de uma aprendizagem significativa e flexível, que considere além de notas quantitativas do rendimento escolar, as competências e habilidades que os mesmos adquirem ao longo desse processo.

Em seguida, perguntou-se aos mesmos se sua escola estimulava uma educação de qualidade por meio de projetos pedagógicos. Nesse contexto, 100%, isto é, todos os professores que fizeram parte da entrevista responderam que sim. Como pode-se observar no gráfico 07, localizado abaixo:



**Gráfico 06: Desenvolvimento de projetos visando a qualidade da educação**

Fonte: Pesquisador

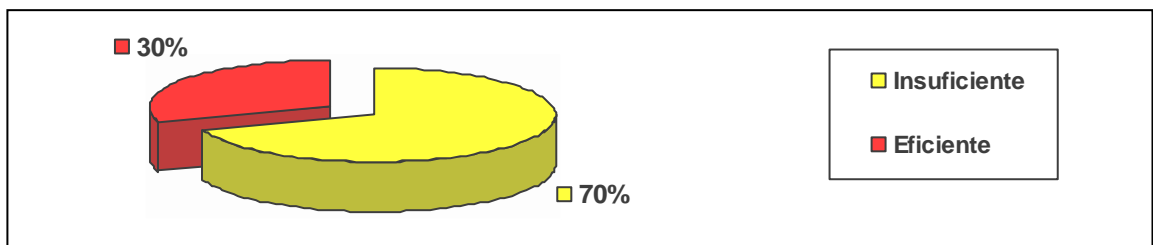
Nessa perspectiva, é importante acrescentar que a escola é um ambiente favorável para a formação plena de sujeitos formadores de opiniões próprias e ativos no meio social do qual fazem parte. Além disso, é nela que a leitura e escrita podem ser mais enfocada, pois a troca de assuntos, de temas, de experiências é contínua, e é neste local que se podem tirar dúvidas e interagir com o outro e com o seu mundo através de diferentes materiais escritos. Nesse contexto, o sujeito descobre como leitor e escritor, concentrando maior quantidade de experiências e aprofundando sobre uma ampla área de conhecimentos. Além da escola, a família tem a função de garantir o incentivo que o hábito da leitura realizado pelos alunos seja efetivado.

Dessa forma, os estabelecimentos de ensino devem promover momentos em que sejam valorizadas e vivenciadas experiências quanto à leitura no espaço educativo criando alternativas dinâmicas, onde através delas possam estar motivando os educandos e ao mesmo tempo os próprios educadores, ao exercício da leitura no cotidiano, e que é indispensável o interesse e acima de tudo, a

participação ativa dos educadores em transformar seus alunos em grandes leitores, embora muitos deles, não sejam.

Nesse contexto, destaca-se também outra questão pertinente nesse estudo, a participação da família no processo educativo, visto que, o acompanhamento dos pais na educação dos filhos, interfere de forma positiva na construção de uma educação de qualidade e significativa para os educandos.

Porém, essa construção acontece através da interação ativa entre ambas as partes: escola e família. A esse respeito, questiona-se como os professores analisam a participação da família na escola referente ao acompanhamento pedagógico dos alunos ao longo do período anual. Dos 10(dez) professores entrevistados, 70% consideram a participação da família insuficiente, já que, a maioria dos pais não participam de reuniões periódicas e/ou eventos escolares; portanto, participam de forma passiva no processo ensino-aprendizagem; 30% apontam eficiente o acompanhamento da família, pois, muitos pais participam da rotina escolar dos filhos, frequentando regularmente a escola para analisar o rendimento e a postura dos mesmos na sala de aula. Como mostra o gráfico abaixo:



**Gráfico 07: Participação da família na escola.**

**Fonte:** Pesquisador

A relação família escola é, na generalidade, considerada como importante fator de sucesso, particularmente no Ensino Fundamental. “Atingir o objetivo de uma educação de sucesso (...)” é uma tarefa compartilhada por vários agentes (nomeadamente a família) “enquanto parceiros que apóiam à aprendizagem de suas crianças” como se afere no ponto 58 da DECLARAÇÃO DE SALAMANCA (1994, p. 37). Dessa maneira, a escola e a família deve manter uma relação harmoniosa no intuito de promover um ensino de qualidade, onde professores, alunos, pais e toda a comunidade escolar sejam protagonistas de uma educação significativa que perpasse as paredes da escola.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto neste estudo pode-se constatar que o sucesso da aprendizagem e da prática assídua da leitura e da escrita no ambiente escolar, depende da metodologia e/ou dos métodos de ensino adotados pelo estabelecimento escolar, apesar das dificuldades encontradas nas escolas públicas em consequência das políticas econômicas e educacionais aplicadas ao ensino nas últimas décadas.

Desse modo, de acordo com os dados obtidos, o processo ensino-aprendizagem da leitura e escrita no processo de alfabetização, desenvolvido na escola ocorre de forma satisfatória, uma vez que os professores oportunizam os educandos a ouvir, falar e ler, ocorrendo assim o desenvolvimento crítico dos mesmos.

Além disso, conclui-se que o processo de escrita e leitura configuram-se muito mais do que a simples decodificação, isto é, o processo de compreensão de determinados signos e sinais gráficos. Ela representa a oportunidade prática para uma nova tomada de visão e decisão, isto é, por meio da escrita, a criança precisa escrever e compreender o que se está escrito.

Assim, o que está faltando é o estímulo e incentivo da família para a construção de leitores críticos e ativos, porém como os pais poderão conscientizar seus filhos a praticarem a leitura se eles não leem. Eles como os primeiros educadores, terão que desenvolver esse hábito para que seus filhos também, vendo-os praticando a leitura possam imitá-los e assim tornarem-se leitores ativos e críticos. A iniciativa ao hábito de ler, deve começar pelos pais, para que servindo como espelhos, os filhos possam segui-los e imitá-los.

Dessa forma, a escrita e leitura contribuem na formação geral e que possibilita a formação de indivíduos críticos, autônomos e atuantes nesta sociedade em constante mutação é necessário desenvolver práticas de leituras variadas que promova, de maneira direta ou indireta, uma reflexão sobre o contexto social em que estão inseridas. É imprescindível, pois, enxergar com novos olhos o verdadeiro universo mágico e encantador da escrita e da leitura em sala de aula e conseqüentemente, entendendo-se aí toda a prática cotidiana do aluno. Assim, os professores como mediadores do conhecimento, devem estar constantemente à procura de novos métodos e técnicas de ensino, onde favoreçam o incentivo à

prática efetiva da leitura e a conscientização dos seus alunos sobre a importância e a presença da leitura na vida humana.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A. **Para além do fracasso escolar**. Magistério Formação e trabalho pedagógico. 2 ed. Papyrus: São Paulo, 1997.
- ALMEIDA, M. L. P. de. **Como elaborar monografia**. 4. ed. rev. e atual. Belém: Cejup, 1996.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8069/90 de 13 de julho de 1990; Programa Umbuzeiro.
- BRITO, G. M. **A leitura e o universo do leitor: uma experiência em sala de aula**. Linguagem & Ensino, Editora: Pelotas, 2004.
- BUNZEN, C. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M.(orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & linguística**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1990.
- CALDEIRA, A. M. S. Resignificando a avaliação escolar. In: \_\_\_\_\_. **Comissão Permanente de Avaliação Institucional: UFMG-PAIUB**. Belo Horizonte: PROGRAD/UFMG, 2000.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber, Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FERREIRO, E. **Reflexões Sobre Alfabetização**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- FONSECA, V. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2. ed. rev. e aum. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 2. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GERALDI, J. W. (org). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Ática, 2006.
- GIL, A. C. **Metodologia do ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da Pré-escola a universidade**, 15. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

- KLEIMAN, Â. **Leitura: Ensino e pesquisa**. 2 ed, Campinas: Pontes, 2001.
- KOCH, I.G.V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MEKSENAS, P. **Sociologia da Educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação escolar no processo de transformação social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- MEY, J. L. **As vozes da sociedade: seminários de pragmáticas**. Trad.: Ana Cristina de Aguiar, Campinas, Mercador de letras, 1991.
- NELL, V. **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- OSTI, A. **As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor**. 2004. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- PASSERI, S.M.R.R. **O autoconceito e as dificuldades de aprendizagem no regime de progressão continuada**. 2003. 179f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- REZENDE, V. M. **Literatura Infantil e Juvenil**.. Rio de Janeiro, Ática, 1993.
- SARAVALI, E.G. **Dificuldades de Aprendizagem e Interação Social – implicações para a docência**. Taubaté: Cabral, 2005.
- SIGNORINI, I. Construindo com a escrita outras cenas de fala. In: SIGNORINI, I. (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- SILVA, I. R. **Avaliar ou medir? Novos tempos, novas práticas educação matemática em Revista**, n 13, ano 9., 2003.
- SISTO, F. F. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z – um guia completo para pais e educadores**. Tradução: Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação & Sociedade. Vol.23, n. 81, p.143-160, dez. 2002.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação:** na área das necessidades Educativas Especiais. Salamanca, Espanha, 7-10 de julho de 1997.

ZILBERMAN, R. **Leitura em crise na escola:** As alternativas do professor. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto. 1982.

## APÊNDICE I



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TEMA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL

#### **Apresentação:**

É importante mencionar que a preocupação dos que questionam sobre o processo ensino-aprendizagem é a de encontrar meios mais eficazes que possam assegurar a todos os alunos condições para o bom desempenho escolar. A busca de novas formas criativas de ensino direcionado aos alunos com dificuldades na aprendizagem, eis a questão que o professor atualmente coloca a si próprio.

Assim, a aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais.

Nesse sentido, peço a sua honrosa colaboração no sentido de responder esse questionário abordando as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, visando delinear um perfil acerca da problemática em estudo.

#### **QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

Estabelecimento de Ensino: \_\_\_\_\_

Sexo: (    ) Feminino                      (    ) Masculino

Idade: (    ) até 30 anos              (    ) 31 a 50 anos              (    ) 50 anos em diante

Grau de instrução:

(    ) Ensino Médio (Pedagógico)

(    ) Ensino Superior Incompleto: \_\_\_\_\_

(    ) Ensino Superior Completo: \_\_\_\_\_

(    ) Especialização: \_\_\_\_\_

(    ) Outros: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na educação:

(    ) 1 a 3 anos      (    ) 4 a 6 anos      (    ) 7 a 9 anos      (    ) acima de 10 anos

01. Na posição de educador, como você concebe a importância da leitura e escrita?

- Um ato no qual o aprendiz absorve competências e habilidades indispensáveis no seu desenvolvimento.
- Um processo pelo qual o indivíduo atua de maneira ativa em prol de sua formação.

02. Ao longo do processo de ensino e aprendizagem você detecta alunos como dificuldades de aprendizagem?

- Sim
- Não

**Quais:** \_\_\_\_\_

03. Qual a principal dificuldades que interfere na aprendizagem dos educandos?

- Leitura
- Escrita
- Comportamento (déficit de atenção)

04. De que forma você desenvolve a avaliação da aprendizagem?

- De forma contínua
- Mensalmente por meio de testes escritos
- Diariamente e mensalmente

05. Você tem conhecimento da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais?

- Sim
- Não

06. Que critérios você utiliza na elaboração de seu planejamento?

- Flexibilidade
- Participação de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.
- Interesse dos educandos

07. A escola desenvolve projetos pedagógicos visando à qualidade da educação?

- Sim
- Não

08. A família participa das atividades escolares desenvolvidas no estabelecimento escolar?

- Sim
- Não

Obrigado pela colaboração.